

Antoine Meillet, a gramaticalização e “as condições de existência da linguagem”

MARCOS BAGNO

“Permita-me um pequeno *post-scriptum*. O Sr. deseja me chamar de seu mestre, e muito me lisonjearia ter merecido esse título por qualquer razão que seja. Mas me apego bem mais a outro, e se o Sr. não se importar, nos corresponderemos doravante entre amigos.”

(Carta de F. de Saussure a A. Meillet, 4 de janeiro de 1894).

1. Introdução

Homenagear Carlos Alberto Faraco é fazer justiça a um percurso intelectual e profissional que faz dele um dos linguistas brasileiros mais importantes de sua geração, precisamente aquela que pôde contar com a então recente implantação da linguística dita *científica* como área de conhecimento específica nas instituições de ensino superior do país. As tradicionais faculdades de Letras, que se dedicavam quase exclusivamente — no tocante à língua

aos estudos filológicos à moda do século 19 e à formação docente apoiada na doutrina gramatical tradicional e numa norma-padrão exógena e no mínimo anacrônica, se viram obrigadas, no início da década de 1960, a abrir espaço a novas perspectivas na abordagem da complexidade do fenômeno da linguagem humana. Um marco importante dessa mudança institucional foi sem dúvida a publicação, em 1971, da primeira tradução brasileira do *Curso de linguística geral* de Saussure, empreendida por Izidoro Blikstein, Antônio Chelini e José Paulo Paes. Também é incontornável a menção à intensa atividade intelectual de Joaquim Mattoso Camara Jr. (1904-1972), que atuou nos mais diversos campos da investigação linguística, vários dos quais pioneiramente abertos por ele. Ao contrário de colegas de uma geração imediatamente anterior à sua, portanto, Faraco não precisou “se converter” à linguística científica porque entrou em contato íntimo com ela já em sua formação inicial, contato que se transformou em ininterrupto trabalho empírico e produção teórica no prosseguimento de sua carreira acadêmica.

Características admiráveis da personalidade de Carlos Alberto Faraco são sua generosidade intelectual, seu dom de acolhimento e sua disposição permanente ao trabalho em colaboração, o que se comprova pelos livros que tem publicado em parceria não só com colegas de percurso semelhante ao seu como também com jovens pesquisadores recém-ingressados na carreira universitária. Impressiona também a amplitude do espectro de seus interesses: sintaxe, história da língua, linguística histórica, historiografia da linguística, política linguística, ensino de língua (do fundamental ao superior), sociologia da linguagem (norma, variação e mudança), filosofia da linguagem (com destaque para seus trabalhos fundamentais sobre a obra de Mikhail Bakhtin)², todos eles tratados de forma igualmente inovadora e fecunda em seus artigos, livros e cursos. Faraco, além disso, é dono de um estilo preciso e elegante, claro e sem rebuscamentos de gosto duvidoso, o que faz de cada um de seus textos uma comprovação das teses que vários de nós temos defendido a favor de uma escrita acadêmica que reconheça (e utilize na prática) as formas que já constituem uma autêntica norma culta brasileira.

¹ O percurso formativo de Carlos Alberto Faraco está bem descrito no capítulo de Marcelo dos Anjos neste livro.

² Ver a este respeito o capítulo deste livro assinado por Beth Brait.

No q
do com a
Também
produção
grande i

Quan
torno de
estrangei
ceu os ve
S.Paulo e
artigo me
sinar a org
publicado

Logo a
volume *Lir*
Edições Loy
çado alguns
2008, *Norm*
niu diversos
compilação
da minha “ir

Ao me d
1991) estava
ginal, sugeri
didático, “pro
atualizada do
acertada, vist

A colabora
enfrentei o de
mento” da soci
of Language C
publicado origi

³ Artigo disponível em
⁴ O livro está agora
em 12 ago. 2020.

No que me diz respeito particularmente, há vinte anos tenho sido honrado com a participação de Faraco em alguns dos meus projetos de publicação. Também sempre pude contar com sua resposta positiva a convites para a produção de obras de sua autoria que me pareceram (e ainda parecem) de grande importância para a bibliografia da nossa área.

Quando, por exemplo, a partir de 1999, surgiu uma viva polêmica em torno de um projeto de lei que pretendia combater a “invasão” de palavras estrangeiras (na verdade, inglesas) no português brasileiro, Faraco esclareceu os verdadeiros aspectos da questão num artigo publicado na *Folha de S.Paulo* em 25 de março de 2001: “Guerras em torno da língua”³. A leitura do artigo me levou a sugerir à Parábola Editorial que convidasse Faraco para assinar a organização do livro *Estrangeirismos: guerras em torno das línguas*, publicado naquele mesmo ano⁴.

Logo a seguir, pude contar com um capítulo do nosso homenageado no volume *Linguística da norma*, que organizei e foi publicado em 2002 pelas Edições Loyola. O capítulo se intitulava “Norma culta brasileira: desembarcado alguns nós”, título que reaparecerá quase idêntico na capa de seu livro de 2008, *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. Nessa obra, o autor reuniu diversos textos que tinham como eixo a questão da norma linguística, uma compilação que, em suas bem-humoradas palavras na apresentação, resultou da minha “insistência”, da qual, evidentemente, não me arrependo.

Ao me dar conta de que sua obra *Linguística histórica* (publicada em 1991) estava esgotada e sem perspectiva de nova impressão pela editora original, sugeri a Faraco que buscasse outra casa para esse excelente manual didático, “provocação” (palavra dele) que aceitou e que resultou na edição atualizada do texto, publicada em 2005 pela Parábola, decisão mais do que acertada, vistas as constantes reimpressões havidas desde então.

A colaboração, no entanto, veio a se tornar parceria mais efetiva quando enfrentei o desafio de traduzir o texto que é tido como a “certidão de nascimento” da sociolinguística variacionista: “Empirical Foundations for a Theory of Language Change”, de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog, publicado originalmente em 1968. Minha tradução inicial foi submetida a uma

³ Artigo disponível em <https://bit.ly/313AMHp>, acesso em 12 ago. 2020.

⁴ O livro está agora disponível gratuitamente no formato de e-book em <https://bit.ly/372qdr0>, acesso em 12 ago. 2020.

criteriosa revisão técnica empreendida por Faraco, que também se encarregou de produzir um guia introdutório, verdadeiro “manual de instruções”, destinado a facilitar o acesso dos leitores a um ensaio denso onde se constrói uma série de conceitos que, como alerta o título, vão fundamentar uma nova teoria capaz de explicar a mudança linguística, já não pelo recurso à “língua em si e por si mesma” (metodologia própria não só da filologia comparada do século 19 como também, e talvez ainda mais, da linguística estruturalista da primeira metade do século 20), mas pela investigação, considerada ali indispensável, das dinâmicas *sociais* de uma comunidade de fala. Assim foi que aquele estudo seminal veio à luz, em 2006, em forma de livro — *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* —, que também contou com um posfácio que trata do impacto desse texto sobre a sociolinguística brasileira, assinado por Maria Eugênia Lammoglia Duarte e Maria da Conceição de Paiva.

Ressaltei, mais acima, a disposição permanente de Faraco de trabalhar em parceria, seja com colegas já experientes, seja com jovens linguistas que se destacam pelo vigor com que se empenham na produção intelectual. Tenho o imodesto orgulho de ter promovido um desses encontros, o de nosso homenageado com Francisco Eduardo Vieira, com quem tenho o prazer de coorganizar este volume. Essa colaboração — que é de mão dupla, como o próprio Faraco sempre faz questão de afirmar, sublinhando a reciprocidade das trocas — tem dado frutos importantes, enquanto outros se perfilam no horizonte⁵.

Nossa mais recente colaboração se relaciona precisamente com o autor que é objeto deste capítulo: Antoine Meillet. Foram muitas as trocas de mensagens e as conversas pessoais que tivemos enquanto eu selecionava, traduzia e anotava os textos que compõem o volume *A evolução das formas gramaticais* (Meillet, 2020). Nada da obra do mais importante linguista francês das primeiras décadas do século 20 estava disponível em português, o que sempre me pareceu uma lacuna injustificável, sobretudo pela atualidade inequívoca de muitas de suas reflexões, como pretendo mostrar a seguir⁶. Mais uma vez,

⁵ Aqui me refiro à obra coletiva organizada por Faraco e Vieira: *Gramáticas brasileiras: com a palavra, os leitores* (São Paulo: Parábola, 2016); e à coleção *Escrever na universidade* assinada por ambos, que compreenderá quatro volumes: 1. *Fundamentos*, 2. *Texto e discurso*, 3. *Gramática do período e da coor-denação*, 4. *Gramática da subordinação e da norma de referência*. Os três primeiros foram publicados em 2019 e 2020 pela Parábola Editorial, e o último segue no prelo.

⁶ A única exceção é Antoine Meillet (2016), *Como as palavras mudam de sentido* (edição bilingue e crítica). São Paulo: EdUSP. O livro é organizado e editado por Rafael Faraco Benthien e Miguel Soares Palmeira, também responsáveis pela tradução, e conta com um dossiê crítico com textos de Renato M.

atendendo a u
para a coletân
O objetivo pri
pensamento d
país, pertencer
-1915), fundado
(1857-1913), pa
cam os nomes
(1875-1960), Ju
Dumézil (1898-
-1988), Lucien
Guillaume (188
conservarão em

Não posso d
ção desses proje
minim uma fonte
colhas e tomado
sabilidade final

2. Antoine Meillet

O pensamen
presentado, na h
paradigma já tra
uma heurística m
guagem. Digo po
transição acabou
ideológicas, a Fer
que Saussure, rec

Basso, Rodrigo T. Gonç
grafia, diversos anexos,
Maus (1872-1950). O li
textos mais célebres de
por sociólogos de forma
sido publicado originalm
texto na minha antologi
mente linguística. Obser
que, apesar disso, não se

Antoine M

atendendo a uma nova insistência minha, Faraco produziu uma apresentação para a coletânea, situando Meillet no contexto da linguística de seu tempo. O objetivo principal da publicação foi aproximar os estudiosos brasileiros do pensamento daquele que foi em sua época o linguista mais influente de seu país, pertencente a uma linhagem que vai de seus mestres Michel Bréal (1832-1915), fundador da semântica (e criador do termo), e Ferdinand de Saussure (1857-1913), passa por ele e prossegue em seus alunos, dentre os quais se destacam os nomes importantes de Émile Benveniste (1902-1972), Joseph Vendryes (1875-1960), Jules Bloch (1880-1953), Marcel Cohen (1884-1974), Georges Dumézil (1898-1986), André Martinet (1908-1999), Aurélien Sauvageot (1897-1988), Lucien Tesnière (1893-1954), Jean Paulhan (1884-1968) e Gustave Guillaume (1883-1960). Todos esses linguistas, em maior ou menor medida, conservarão em seu trabalho a perspectiva sociológica herdada do mestre.

Não posso deixar de confessar que a aceitação desses convites e a aprovação desses projetos por parte do nosso homenageado sempre têm sido para mim uma fonte de segurança, uma confirmação de ter feito as melhores escolhas e tomado as decisões mais justas (das quais, evidentemente, a responsabilidade final é integralmente minha).

2. Antoine Meillet: linguística geral e fato social

O pensamento de Paul Jules Antoine Meillet (1866-1936) poderia ter representado, na história da linguística moderna, uma nítida inflexão de um paradigma já tradicional, em sua época, de gramática comparada rumo a uma heurística nova, alimentada por uma abordagem *social* dos fatos de linguagem. Digo *poderia* ter representado porque sabemos que esse lugar de transição acabou sendo atribuído, devido a várias vicissitudes históricas e ideológicas, a Ferdinand de Saussure — *atribuído* e não *ocupado*, uma vez que Saussure, recolhido à sua Genebra natal, ministrando cursos para tur-

Basso, Rodrigo T. Gonçalves, Jean-François Bert e Carlos Alberto Faraco, junto com uma biobibliografia, diversos anexos, entre os quais uma homenagem *in memoriam* de Meillet da autoria de Marcel Mauss (1872-1950). O livro é uma edição bilíngue extremamente bem cuidada e criteriosa de um dos textos mais célebres de Meillet. Faz parte de uma coleção chamada Biblioteca Durkheimiana, dirigida por sociólogos de formação. O motivo da inclusão do ensaio de Meillet na coleção se deve ao fato de ter sido publicado originalmente na revista *L'Année sociologique*, dirigida por Durkheim. Incluí o mesmo texto na minha antologia, com nova tradução, acompanhado de observações de visada mais propriamente linguística. Observe-se que o livro da EdUSP já contava com uma contribuição de C. A. Faraco que, apesar disso, não se furtou a preparar um texto novo para a obra que organizei.

mas de poucos alunos (numa ocasião, até para um só)⁷, decerto jamais imaginou a quantas coisas seriam associados não só seu nome (como o rótulo de “pai da linguística moderna”) mas, sobretudo, o livro que nunca escreveu, o para sempre controverso *Curso de linguística geral* (1916).

Mencionar Saussure, ao tratar de Meillet, é quase uma inevitabilidade historiográfica. O linguista francês foi aluno do pensador suíço na *École Pratique des Hautes Études* em Paris (onde ingressou em 1885), tendo ocupado a cátedra de Saussure na mesma escola a partir de 1894, depois que este voltou para Genebra. Ambos mantiveram relações amistosas, asseguradas principalmente pela troca de cartas. Meillet dedicou a Saussure um de seus livros, *L'Étude comparative des langues indo-européennes*, de 1903. Por ocasião da morte de Saussure, Meillet publicou um obituário em que ressaltava as diversas qualidades do antigo mestre [Meillet, 2020: 249s.]. Quando, porém, compilado por Bailly e Sechehaye, veio à luz o *Curso de linguística geral*, Meillet escreveu uma resenha bastante severa da obra, destacando sobretudo sua estranheza diante de ideias que Saussure jamais compartilhara com ele [Meillet, 2020: 257s.].⁸

Meillet é autor de duas dezenas de livros e de mais de quinhentos artigos, toda uma vasta produção dedicada à linguística comparada indo-europeia, a grande corrente de estudos que dominou o século 19 e na qual se formou, tanto quanto seu mestre Saussure. Ao lado dessas obras, no entanto, também publicou uma série de artigos que poderíamos chamar hoje de divulgação científica, estampados em revistas de outras áreas de conhecimento como sociologia, antropologia, filosofia e psicologia. Vários desses artigos

⁷ Em sua biografia de Saussure, Joseph informa que o 1º curso de linguística geral (1907-8) teve 7 inscritos (2012: 492), o 2º (1908-9) teve 16 (p. 532) e o 3º, 14 (p. 567). No curso de sânscrito do semestre 1895-1896, Saussure tivera um único aluno, Virgile Tojetti, “um dos mais sortudos estudantes de língua que já viveram”, segundo o biógrafo do mestre suíço (p. 419).

⁸ Veja-se, por exemplo, esta observação de Meillet (2020: 257): “Esses cursos não estavam destinados à impressão, e F. de Saussure seguramente teria se recusado a deixar publicar, em vida, a redação que deles tivesse feito um de seus ouvintes”. Antecipando uma censura que se tornaria mais acentuada na segunda metade do século 20, quando o estruturalismo será criticado precisamente por sua falta de perspectiva histórica e social, Meillet (259-260) escreveu: “[F]atos históricos [...] só adquirem algum sentido quando se investiga as condições que determinaram [...] as mudanças. [...] Ao separar a mudança linguística das condições externas de que ela depende, F. de Saussure a priva de realidade; ele a reduz a uma abstração, que é necessariamente inexplicável. [...] Considerado na ‘diacronia’, o fato linguístico é um fato histórico que só se compreende em meio a fatos históricos. Assim, não se pode fazer a teoria das sucessões fonéticas de uma língua senão por meio de aproximações etimológicas. Mas a transmissão de cada palavra levanta um problema particular, que deve ser estudado à luz dos fatos históricos. E, se se quiser descrever uma língua atualmente falada, só é possível fazê-lo levando em conta as diferenças que resultam da diversidade das condições sociais e de toda a estrutura da sociedade considerada”.

foram reunidos
tique général
homenagear
mesmo título
antes do aniv
volumes que t
dos linguistas
a orientar o p

- a necessid
cionament
geral que
a famílias
ca históric
nessa lingu
articulatóri
ção, encont
dos process
forneceria
dois volume
• a observaçã
mente socia
insuficiente
Assim, conf

o que distingu
de leis gerais,
car os vários t
prias das leis
atribuídos a c
caráter puram
via, indicam se
e sociais que d
“a linguística e
recorrer para d

Acerca de um
uma linguística g

foram reunidos pelo próprio autor na obra *Linguistique historique et linguistique générale* (1921). Década e meia depois, alguns de seus alunos decidiram homenagear os 70 anos do mestre organizando um segundo volume com o mesmo título, que acabou publicado em 1936. Meillet, porém, morreu pouco antes do aniversário e da homenagem. São os textos compilados nesses dois volumes que tornaram o nome de Meillet mais conhecido para fora do círculo dos linguistas da escola comparatista, e sua leitura revela dois grandes eixos a orientar o pensamento do autor:

- a necessidade da formulação de princípios gerais capazes de explicar o funcionamento das línguas humanas, isto é, a constituição de uma *linguística geral* que não se limitasse às descrições parciais de idiomas pertencentes a famílias específicas, como vinha fazendo a longa tradição da linguística histórico-comparativa, concentrada sobretudo no grupo indo-europeu; nessa linguística geral, entrariam precisamente, entre outros (de ordem articulatória e psicológica, por exemplo), os fenômenos de *gramaticalização*, encontráveis em todas as línguas do mundo e responsáveis por muitos dos processos de mudança linguística; desse modo, a linguística histórica forneceria os dados para uma linguística geral (e isso justifica o título dos dois volumes: *Linguistique historique et linguistique générale*);
- a observação dos fatos de linguagem através de um prisma obrigatoriamente *social*, uma vez que a análise da “língua em si e por si mesma” é insuficiente para dar conta sobretudo dos fenômenos de mudança. Assim, conforme escreve Grassi (2019: 175),

o que distingue, porém, Meillet daqueles estudiosos [os neogramáticos] é a busca de leis gerais, ou de princípios, que possam não só descrever mas também explicar os vários tipos de mudanças e superem as limitações espaçotemporais próprias das leis fonéticas. Esses princípios (ou leis) gerais poderão sem dúvida ser atribuídos a causas físicas, fisiológicas, sociais etc., mas em si mesmos “têm um caráter puramente gramatical” (Meillet, 1926, p. 49) [...] Esses princípios, todavia, indicam somente possibilidades [...] São as particulares situações históricas e sociais que determinam quais dessas possibilidades efetivamente se realizam: “a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável a que se pode recorrer para dar conta da mudança linguística é a mudança social” (*ib.*, p. 17).

Acerca de um programa de investigação que permitisse a constituição de uma linguística geral, o texto mais eloquente é sem dúvida a aula inaugural

de Meillet no Collège de France, pronunciada em 1906, ao assumir nessa instituição o posto antes ocupado por seu ex-professor Michel Bréal. O texto foi publicado com o título "O estado atual dos estudos de linguística geral" (Meillet, 2020: 37s.), e nele encontramos uma clara censura aos estudos exclusivamente *históricos* que não extraem de suas conclusões os elementos propícios a formar um *sistema* de princípios capaz de explicar, de maneira *geral*, os fenômenos de mudança linguística:

No entanto, por mais perto da realidade que os progressos da filologia, da fisiologia, da psicologia, da geografia linguística, do estudo das coisas mesmas nos permitam nos aproximar, e por mais cuidadosamente que os linguistas levem em conta a complicação frequentemente inextricável dos fatos, o defeito de todo método histórico permanece: apesar de todas as precisões, apesar de todos os enriquecimentos, *os princípios postulados explicam sempre apenas fatos particulares, e só oferecem conclusões particulares*. Chega-se a uma miríade de explicações, cada uma das quais talvez seja correta, mas que não constituem um sistema, e que jamais são suscetíveis de constituir um sistema. A composição da história das línguas foi um momento essencial no desenvolvimento da linguística; *mas a história não poderia ser para a linguística nada além de um meio, não um fim* (Meillet, 2020: 42-43 [grifos meus]).

Desse modo se impõe a necessidade de buscar formular as leis segundo as quais são suscetíveis de ocorrer as mudanças linguísticas. Assim se determinará, não mais leis históricas, tais como as "leis fonéticas" ou as fórmulas analógicas de que estão repletos os atuais manuais de linguística, porém *leis gerais que não valem só para um momento do desenvolvimento de uma língua, mas que, ao contrário, valem para todos os tempos; leis que não estão limitadas a uma língua dada, mas que, ao contrário, se estendem igualmente a todas as línguas*. E, ressalte-se, não serão nem leis fisiológicas nem leis psíquicas, mas leis linguísticas. (Meillet, 2020: 46, [grifos meus]).

Observe-se a oposição que Meillet faz entre, de um lado, as leis fisiológicas (isto é, as que se relacionam com a articulação dos sons, as "leis fonéticas" particulares) e as leis psíquicas (as que supostamente respondem pelas fórmulas analógicas) e, do outro, as *leis linguísticas*, isto é, a investigação dos mecanismos fonéticos, morfológicos, sintáticos e semânticos que, em todas as línguas, impulsionam a mudança. Assim,

a busca de leis gerais, tanto morfológicas quanto fonéticas, deve ser agora um dos principais objetos da linguística. Mas, por sua própria definição, estas leis

ultrapassa
teira (Me

Em sua
racionalismo
de Port-Royal
que, de fato,

A antiga g
aplicação
têm nada
lhado de to
da pelas o
iluminada
renovação
põe uma de

Embora M
tornarão famo
argumentação
característico
ou seja, como
no "estudo pre
seu desenvolvi
clusividade dia
exclusividade si
propôs a conjug
citamos há pou
dimento do pres
uma metodolog
pois, da sociolin
Quanto ao u
significa quando
nos meandros de
dos artigos de P
Mas é importante
gico de Émile Du

ultrapassam os limites das famílias de línguas: elas se aplicam à humanidade inteira (Meillet, 2020: 47 [grifos meus]).

Em sua argumentação, Meillet critica a antiga tradição logicista, fruto do racionalismo do século 17, que levou à produção da famosíssima *Gramática de Port-Royal* (1660) com sua pretensão de ser "*générale et raisonnée*", mas que, de fato, se limitava à análise do latim e do francês:

A antiga gramática geral caiu num justo descrédito porque não passava de uma aplicação canhestre da lógica formal à linguística, onde as categorias lógicas não têm nada o que fazer. A nova linguística geral, fundada no estudo *preciso e detalhado de todas as línguas em todos os períodos de seu desenvolvimento*, enriquecida pelas observações delicadas e medições precisas da anatomia e da fisiologia, iluminada pelas teorias objetivas da psicologia moderna, suscita uma completa renovação dos métodos e das ideias: aos fatos históricos particulares ela sobre põe uma doutrina de conjunto, um sistema (Meillet, 2020: 49 [grifos meus]).

Embora Meillet não empregue os termos *diacronia* e *sincronia*, que se tornarão famosos graças ao *Curso de linguística geral*, fica evidente em suas argumentações a necessidade de superar o estudo exclusivamente diacrônico, característico da linguística oitocentista, e associá-lo ao estudo sincrônico, ou seja, como ele escreve, construir um sistema de explicações que se apoie no "estudo preciso e detalhado de todas as línguas em todos os períodos de seu desenvolvimento" (grifo meu). Assim, num distanciamento tanto da exclusividade diacrônica da linguística histórica, em que se formou, quanto da exclusividade sincrônica do estruturalismo, que não viria a conhecer, Meillet propôs a conjugação das duas abordagens (como se depreende do trecho que citamos há pouco, em nota, de sua resenha do *Curso*), de modo que o entendimento do presente das línguas pudesse esclarecer seu passado, e vice-versa, uma metodologia que, como se sabe, se tornaria característica, décadas depois, da sociolinguística variacionista (cf. Labov, 1974).

Quanto ao uso do adjetivo *social*, muito se tem discutido sobre o que ele significa quando ocorre em Meillet e em Saussure, e não posso entrar aqui nos meandros desse debate, sobre os quais pode ser esclarecedora a leitura dos artigos de Puech e Radzinski (2020 [1988]) e de Marra e Milani (2012). Mas é importante destacar que acerca da influência do pensamento sociológico de Émile Durkheim (1858-1917) sobre os dois linguistas, a crítica histo-

riográfica já nem tão recente vem recusando admiti-la no que diz respeito a Saussure. No tocante a Meillet, por outro lado, Durkheim é nominalmente citado nos textos do autor que, além disso, publicou seu famoso artigo “Como as palavras mudam de sentido” justamente em *L'Année sociologique*, revista dirigida pelo sociólogo francês. Quanto a Saussure, Koerner (2020 [1988]) oferece a seguinte narrativa:

[...] desde a apresentação de Witold Doroszewski (1899-1976) por ocasião do II Congresso Internacional dos Linguistas realizado em Genebra em 1931 [...] e seu artigo sobre Durkheim e Saussure dois anos mais tarde [...], a tese de que Saussure teria desenvolvido suas ideias sobre a natureza social da linguagem sob influência de Durkheim, sobretudo no que diz respeito ao conceito central da teoria saussuriana, a saber, o da “*langue*” [...], se tornou quase um dogma da historiografia linguística (in Meillet, 2020: 272-273).

E o mesmo Koerner conclui:

É sintomático o quanto na história da linguística qualquer oposição a um ponto de vista caro àqueles que querem a todo custo encontrar precursores por toda parte — mesmo que ela esteja facilmente acessível — é na maior parte do tempo ignorada (in Meillet, 2020: 273).

De fato, o autor que parece ter inspirado Saussure em sua concepção de *social* foi o estadunidense William Dwight Whitney (1827-1894), explicitamente citado no *Curso de linguística geral* (1916: 18, 26, 110), do qual está totalmente ausente o nome de Durkheim e, vale frisar, também o de Meillet (que aparece em notas assinadas pelos editores, mas nunca no texto principal).

Quanto a este, na mesma aula inaugural de 1906 que reivindica uma linguística geral, também encontramos a afirmação explícita do caráter social da linguagem:

O elemento variável que falta determinar não pode evidentemente ser encontrado na estrutura anatômica dos órgãos ou no funcionamento desses órgãos; tampouco se encontra no funcionamento psíquico: trata-se no caso de dados constantes, que são por toda parte sensivelmente os mesmos, e que não encerram em si princípios de variação. Mas há um elemento cujas circunstâncias provocam variações perpétuas, ora repentinas, ora lentas, mas nunca inteiramente interrompidas: é a estrutura da sociedade (Meillet, 2020: 50 [grifos meus]).

Assim, r
dicarem o e
nâmicas soc
processos de
se deve, não
sionam esses
à *estruturura*
rente de uma
uma *dupla re*

Ora, a ling
temente qu
consequint
ser próprio.
proposições
nem por iss
social (Meill

Ela é linguis
expressão, un
cilmente pod
exatamente a
regras gerais

Por outro lad
pertencer a u
nicação entre
depende de ne

Essa dupla pe
po e indissociavel
parole exposta no
rígida entre o “*sis*
gue” e uma “*lingu*
impossibilidade qu
Curso, a *langue* é o
de *social* é muito es
tem cabimento atri

Assim, mais de meio século antes de Weinreich, Labov e Herzog revidicarem o estudo da mudança linguística fundamentado na análise das dinâmicas sociais de uma comunidade de fala, Meillet já reconhecia que, se os processos de mudança apresentam *variação* de uma língua para outra, isso se deve, não aos próprios fenômenos (articulatórios e cognitivos) que impulsionam esses processos — que são *dados constantes*, isto é, gerais —, mas à *estrutura da sociedade*, intrinsecamente complexa e profundamente diferente de uma comunidade de falantes para outra. É isso que o leva a afirmar uma *dupla realidade da língua*:

Ora, a linguagem é eminentemente um fato social. Tem-se repetido frequentemente que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam e que, por conseguinte, não tem cabimento atribuir a elas uma existência autônoma, um ser próprio. É uma constatação evidente, mas sem alcance, como a maioria das proposições evidentes. Pois se a realidade da língua não é algo de substancial, nem por isso ela deixa de existir. Esta realidade é ao mesmo tempo linguística e social (Meillet, 2020: 50).

Ela é linguística, pois uma língua constitui um sistema complexo de meios de expressão, um sistema onde tudo se sustém e onde uma inovação individual dificilmente poderá encontrar lugar se, proveniente de um puro capricho, não estiver exatamente adaptada a esse sistema, isto é, se não estiver em harmonia com as regras gerais da língua (Meillet, 2020: 50).

Por outro lado, a realidade da língua é social: ela resulta do fato de uma língua pertencer a um conjunto definido de sujeitos falantes, de ser o meio de comunicação entre os membros de um mesmo grupo e de que sua modificação não depende de nenhum dos membros do grupo [...] (Meillet, 2020: 50).

Essa dupla perspectiva da linguagem como uma realidade ao mesmo tempo e indissociavelmente linguística e social, contrasta com a dicotomia *langue/parole* exposta no *Curso de linguística geral*, que tenta marcar uma fronteira rígida entre o “sistema” e o uso individual e definir uma “linguística da *langue*” e uma “linguística da *parole*” como duas disciplinas independentes (uma impossibilidade que Labov [2008: 218] rotulará de “paradoxo de Saussure”). No *Curso*, a *langue* é definida como “a parte social da linguagem”, mas esse uso de *social* é muito esquemático, vago e, contrariando o que afirma Meillet (“não tem cabimento atribuir a elas [às línguas] uma existência autônoma, um ser

próprio”), essa atribuição descabida se enuncia em certas passagens do Curso em que se confere “consciência” à entidade abstrata chamada “língua”:

Existe nas fricativas algo que corresponderia a [n], [m], [ŋ] etc. nas oclusivas, isto é, um [v] nasal, um [z] nasal etc.? É fácil supor isso; assim, ouve-se um [v] nasal no francês *inventer*; mas em geral a fricativa nasal não é um som de que a língua tenha consciência (1916: 74; [grifos meus]).

Se, com relação à ideia que representa, o significante aparece como livremente escolhido, com relação à comunidade linguística que o emprega, entretanto, ele não é livre, é imposto. A massa social não é consultada, e o significante escolhido pela língua não poderia ser substituído por outro (1916: 104; [grifos meus]).

O latim antigo parece favorecer o procedimento analítico. [...] Mas **agtos*, **tegtos*, **regtos* não são herdados do indo-europeu, que dizia certamente **āktos*, **tēktos* etc. Foi o latim pré-histórico que os introduziu, apesar da dificuldade que há em pronunciar uma sonora diante de uma surda. Ele só pôde chegar aí tomando uma consciência forte das unidades radicais *ag-* e *teg-*. O latim antigo, portanto, tinha em alto grau o sentimento das peças da palavra (radicais, sufixos etc.) e de seu arranjo. É provável que nossas línguas modernas não o tenham de modo tão agudo, mas que o alemão o tenha mais que o francês (1916: 229-230; [grifos meus]).

Esse breve excursão em torno das noções de *social* e de *linguística geral* na obra de Meillet se justifica, quero crer, por nos levar a compreender o interesse do autor pelos fenômenos de gramaticalização, que são *sociais*, porque dependem, para ocorrer e se firmar, do intercuro verbal no interior da “estrutura da sociedade”, e também *gerais*, uma vez que são observados “em todas as línguas, em todos os seus períodos de desenvolvimento” — a menção a “*todos os seus períodos de desenvolvimento*” pode ser lida, mais uma vez, como uma recusa *avant la lettre* da separação radical entre diacronia e sincronia.

3. Gramaticalização

Em termos no mínimo grosseiros, a gramaticalização pode ser entendida como a mudança que leva um item *lexical* a se converter em *morfema gramatical*. Essa conversão, porém, ocorre em diversas etapas de um processo complexo e acarreta uma série de consequências. Bybee (2020: cap. 6) elenca os seguintes mecanismos detectáveis nesse processo:

- amálgama (*chunking*) e redução fonética;

- espe
- expa
- desc
- enrij
- desl
- mud
- metá
- A aut

com as se

Em ca
xical c
de mo
sintagr
plos ta
em for
o que n
que o p
que se u

A concl
e de que “o
nitivo em c
quando, no
de correspo
cês sobre a
com fatores

No prim
são os segui
sobre os pro
cação origin

- “Converg
- t. LXXXV
- “L'évoluti
- XII [1912]
- “Le renou
- Hautes Ét

- especialização ou perda de contraste paradigmático;
 - expansão de categoria;
 - descategorização;
 - enrijecimento de posição;
 - desbotamento (*bleaching*) ou generalização;
 - mudança semântica por acréscimo de significado pelo contexto;
 - metáfora.
- A autora conclui seu minucioso estudo sobre esses processos de mudança com as seguintes palavras:

Em cada caso, os mecanismos citados no capítulo 6 se aplicam a material lexical diferente e construções diferentes, com um efeito semelhante: a criação de morfemas gramaticais que fazem o trabalho da gramática seja dentro do sintagma verbal, do sintagma nominal, ou do discurso como um todo. Os exemplos também demonstram que trilhas de mudança muito semelhantes (tanto em forma quanto em significado) existem para muitas línguas não aparentadas, o que mostra que o processo não está restrito a línguas de certo tipo, mas, sim, que o potencial para a gramaticalização reside no contexto social e cognitivo em que se usa a língua, o qual é semelhante entre as culturas (Bybee, 2020: 279).

A conclusão de que “o processo não está restrito a línguas de certo tipo” e de que “o potencial para a gramaticalização reside no contexto social e cognitivo em que se usa a língua” é uma confirmação das intuições de Meillet quando, no início do século 20, se dedicou a refletir sobre o fenômeno, além de corresponder quase literalmente a algumas afirmações do linguista francês sobre a generalidade dos processos de mudança e sua dependência para com fatores de ordem social e “psicológica”.

No primeiro volume de *Linguistique historique e linguistique générale*, são os seguintes os capítulos que podemos vincular diretamente à reflexão sobre os processos de gramaticalização, listados com os dados de sua publicação original, conforme aparecem na coletânea:

- “Convergence des développements linguistiques” (*Revue philosophique*, t. LXXXV, nº de fevereiro de 1918).
- “L'évolution des formes grammaticales” (*Scienza [Rivista di scienza]*, v. XII [1912], n. XXVI, 6).
- “Le renouvellement des conjonctions” (*Annuaire da École Pratique des Hautes Études*, seção histórica e filológica, 1915-1916).

- “Sur les catégories du verbe” (*Revue philosophique*, t. LXXXIX [janeiro-fevereiro de 1920], p. 1 e ss.).
- “Le genre grammatical et l’élimination de la flexion” (*Scienza [Rivista di scienza]*, vol. XXV [1919], n. LXXXVI, 6).

Para demonstrar a atualidade das reflexões de Meillet sobre a gramaticalização, dentro do espaço de que disponho, analisarei as passagens mais notáveis dos dois primeiros artigos da lista, um de 1918, o outro de 1912. Apesar de não corresponder à ordem cronológica das publicações originais, é assim que os textos aparecem organizados na coletânea de 1921.

A gramaticalização, depois de Meillet, passou por um longo período de hibernação imposto pelo predomínio da linguística estruturalista e sua concentração quase dogmática na sincronia. Foi com a obra de Christian Lehmann, *Thoughts on Grammaticalization* (1982) que o tema voltou com destaque à cena dos estudos sobre mudança linguística. A partir de então tem-se presenciado um desenvolvimento exponencial das investigações em torno do fenômeno, sobretudo entre os pesquisadores de língua inglesa e alemã e de filiação aos paradigmas ditos *funcionalistas* de análise linguística. Um clássico da área é decerto o livro de Hauger e Traugott (1993). Também merecem destaque a coletânea em dois volumes organizada por Heine e Traugott (1991), o volumoso *handbook* compilado por Heine e Narrog (2011) e o *World Lexicon of Grammaticalization* (Heine e Kuteva, 2002). Nesta última obra, os autores listam os diferentes processos de gramaticalização que atingiram itens como “homem”, “ir”, “casa”, “mundo”, as partes do corpo humano etc. em centenas de línguas mundo afora.

No Brasil, um marco importante foi sem dúvida o extenso ensaio de Castilho (1997), que no entanto já tinha sido precedido pela obra de Cezario, Martelotta e Votre (1996), que trata da gramaticalização numa ótica funcionalista. Já numa perspectiva assumidamente *formal* foi que Vitral e Ramos (2006) publicaram seus estudos. A busca de uma interface entre gramaticalização e sociolinguística orienta o artigo de Naro e Braga (2000). Uma introdução ao estudo da gramaticalização é a obra organizada por Casseb-Galvão, Gonçalves e Lima-Hernandes (2007). São incontáveis os artigos, monografias, dissertações e teses que abordam o fenômeno e seus processos, mas cabe sublinhar que é pelo prisma da gramaticalização que Castilho (2010) e Bagno (2012) elaboraram suas gramáticas descritivas do português brasileiro.

Mais rec
crítica da te
a fim de aba
propor uma

Na histo
(1714-1780)
seu *Ensaio*
empirismo
ca que viria
guido pelo p
processos o
(1767-1835),
der Gabelent
composições
o fenômeno.
[“aglutinaçã
de mudança

No entan
mais detalha
e também ma
guistas a part
os dois artigos

4. “convergê

O termo “
do interesse d
junto de *princi*
processos de m
Meillet se refer
de à forte tendê
ao desgaste ser
que obriga os

⁹ Vou apresentar os
páginas dessa obra.

Mais recentemente, Traugott e Trousdale (2013) apresentaram uma revisão crítica da teoria clássica da gramaticalização e propuseram uma reelaboração a fim de abarcar, não mais itens isolados, mas *construções*, o que os levou a propor uma diferença entre *construcionalização* e *mudança construcional*.

Na historiografia da linguística, o francês Étienne Bonnot de Condillac (1714-1780) é tido como o primeiro filósofo da linguagem a mencionar, em seu *Ensaio sobre as origens dos conhecimentos humanos* (1746), filiado ao empirismo de John Locke (1632-1704), os processos de mudança linguística que viriam a ser conhecidos mais tarde como gramaticalização. Foi seguido pelo polemista inglês John Horne Tooke (1736-1812), que deu a esses processos o nome de *abreviações* [*abbreviations*]. Wilhelm von Humboldt (1767-1835), August Schlegel (1767-1845), Fanz Bopp (1791-1867), Georg von der Gabelentz (1840-1893) e Hermann Paul (1846-1921), que os chamou de *composições* [*Kompositionen*] são os linguistas alemães que abordaram o fenômeno. No *Curso de linguística geral*, sob o rótulo de *agglutination* ["aglutinação"], ele é tratado de maneira breve ao lado de dois outros fatores de mudança linguística, a *etimologia popular* e a *analogia* (1916: 242-245).

No entanto, foi de fato Meillet quem empreendeu as reflexões modernas mais detalhadas sobre a gramaticalização, termo que foi o primeiro a sugerir, e também mais próximas dos postulados que viriam a se firmar entre os linguistas a partir principalmente da década de 1990. Na sequência, vou resenhar os dois artigos mencionados e localizar neles justamente aquelas reflexões.

4. "convergência dos desenvolvimentos linguísticos"⁹

O termo "convergência" presente no título do artigo revela o já mencionado interesse de Meillet por formular uma *linguística geral*, ou seja, um conjunto de *princípios* (como ele designa) capazes de explicar satisfatoriamente os processos de mudança linguística similares verificados em línguas diferentes. Meillet se refere, no texto, aos processos graduais de mudança linguística, aludindo à forte tendência da substituição de formas sintéticas por formas analíticas, ao desgaste semântico provocado pelo uso intenso das formas linguísticas, o que obriga os falantes a se servir de formas inovadoras que também serão,

⁹ Vou apresentar os textos com os títulos que lhes dei em Meillet (2020), junto com a numeração de páginas dessa obra.

mais tarde, esvaziadas de sua irretorabilidade original. Argumenta que embora sejam muito semelhantes (verão idênticas ou quase idênticas, conforme escreve), os processos de mudança linguística ocorrem em ritmos diferentes em cada língua. Isso se deve ao que ele chama de "condições de existência da linguagem" e dos falantes. Essas "condições", que ele não trata como fatores atualmente como a interação das dinâmicas sociais das comunidades linguísticas com fatores de ordem cognitiva (economia funcional, analogia, gestão da memória, automatização do processamento da fala etc.) e fisiológica (articulatória) (cf. Bybee, 2020). Também aqui Meillet propõe utilizar os dados particulares obtidos pela linguística histórica para a formulação de uma linguística geral. O emprego do termo *universal* pelo autor não deve levar à suposição de que seria um precursor dos postulados do gerativismo chomskiano, uma vez que Meillet insiste nas consequências do uso sobre a mudança da língua e reafirma a todo momento o caráter essencialmente histórico e social da atividade linguística — seu uso de *universal*, portanto, nada tem de *innate* — e está muito mais próximo dos postulados sobre tipologia e universais propostos por Joseph Greenberg (1915-2001) (cf. Bossaglia, 2019).

O exemplo escolhido pelo autor para ilustrar essas "convergências" são as semelhanças nos processos de mudança nas mais diferentes línguas: a representação das distinções número-pessoais na morfologia verbal. Exatidão alguns detalhes [...], as categorias relativas ao número e à pessoa nos verbos são por toda parte as mesmas, e essa identidade resulta das condições de existência da linguagem" (Meillet, 2020: 74). E prossegue:

Quanto aos procedimentos empregados para exprimir essas categorias [número e pessoa], há somente dois. Um, que é o do indo-europeu comum, consistiu nas línguas antigas do grupo como o sânscrito, o grego antigo, o latim etc. consistiu em fazer variar o verbo e a lhe dar tantas formas quantas são as categorias a exprimir, como em latim *dico, dicis, dicit, dicimus, dicitis, dicite*. O outro consistiu em empregar termos acessórios que indicam cada categoria: e é isso que se vê em inglês quando se diz *I say, we say, you say, they say*. [...] Ora, cada um dos dois procedimentos tende a se destruir pelo efeito do uso.

Segundo o paradigma teórico da gramaticalização, o ato de falar é responsável pelo desaparecimento de formas linguísticas e pela criação de formas novas, que logo cederão lugar a outras mais novas, num ciclo ininterrupto por

...de levar séculos o processo de substituição das formas antigas por novas. Algumas dessas formas antigas podem ser vistas como o caso do grego antigo, que uma teoria que afirma a presença de uma forma por se aglutinando no processo de mudança. Assim, a forma grega antiga *εἶμι* (eu vou) deu origem ao grego clássico *εἶμι* (eu vou) e ao grego moderno *εἶμι* (eu vou), que aquele *-μι* ter-se-ia vindo sendo confundido com as formas das línguas dos mais antigos e se encontrando em formas que deixam transparecer. Vejamos prime

Incontáveis línguas para a não-pessoa, o burrão é frequente em grego ("aqueles"), um latinos, surgiram línguas românicas (tal como a não-pessoa, quando se conjuga um

pode levar séculos ou até milênios. No caso analisado por Meillet, trata-se do processo de substituição de formas sintéticas por formas analíticas, sendo que estas últimas podem, com o tempo, se cristalizar também em formas sintéticas, como o caso do futuro românico, que o autor vai abordar mais adiante.

O que uma teoria “radical” da gramaticalização postula é que toda e qualquer *forma presa* foi, em algum momento do passado, uma *forma livre* que acabou por se aglutinar ou se fundir a outra forma livre, cristalizando, assim, um processo de mudança. Com isso, as desinências verbais — como as do latim: *-o/-m, -s, -t, -mus, -tis, -nt* — devem ter sido, pré-historicamente, *pronomes pessoais* que vieram a se soldar ao verbo. Franz Bopp (1816) já tinha chamado a atenção para o fato de que o mesmo *-m/ij* presente no latim *sum*, no grego *eimi*, no sânscrito *ásmi* etc. aparece, por exemplo, nos pronomes latinos *me, mihi* e nos possessivos *meus, mea* etc., o que pode indicar que aquele *-m/ij* teria sido um pronome-sujeito fundido ao verbo. Essa hipótese vem sendo confirmada pelo estudo de uma gama cada vez mais ampla de línguas dos mais diferentes lugares do planeta. Um exemplo cristalino do fenômeno se encontra no buriate, língua mongólica, em que as flexões verbais deixam transparecer sua origem nos pronomes pessoais (Bybee, 2020: 268). Vejamos primeiro os pronomes pessoais dessa língua:

buriate

1ª p. sg.	<i>bi</i>
2ª p. sg.	<i>si</i>
1ª p. pl.	<i>bide</i>
2ª p. pl.	<i>ta</i>

Incontáveis línguas do mundo (incluindo o latim) não têm formas específicas para a não-pessoa (a “3ª pessoa” da tradição gramatical). Para designar a não-pessoa, o buriate não usa, para o singular, marca alguma (o que também é frequente em centenas de línguas), mas para a não-pessoa plural usa *ede* (“aqueles”), um demonstrativo, exatamente como, dos demonstrativos latinos, surgiram os pronomes *elelela* etc. no português e nas outras línguas românicas (também em centenas de línguas mundo afora, o pronome de não-pessoa, quando existe, provém de um demonstrativo). Vejamos agora como se conjuga um verbo em buriate:

buriate

verbo: *jaba* ('ir') + *-na-* (marca do presente)

1ª p. sg.	<i>jabanab</i>
2ª p. sg.	<i>jabanas</i>
não-p. sg.	<i>jabana</i>
1ª p. pl.	<i>jabanabdi</i>
2ª p. pl.	<i>jabanat</i>
não-p. pl.	<i>jabanad</i>

Nas terminações do verbo conjugado, se entrevê claramente formas reduzidas dos pronomes pessoais: *bi* > *-b*; *si* > *-s*; *bide* > *bdi*; *ta* > *-t*. Na não-pessoa do plural, temos um *-d* que é a forma reduzida de *ede* ("aqueles"). Com isso, o buriate vem comprovar a universalidade de fenômenos observados em muitas outras línguas do mundo:

- (i) as desinências verbais derivam de antigos pronomes pessoais (no caso do buriate, de pronomes pessoais que ainda existem) que se aglutinaram ao verbo;
- (ii) as formas da não-pessoa do singular costumam não ter desinência própria (são a forma verbal não marcada);
- (iii) as formas da não-pessoa costumam derivar de demonstrativos.

Muitos séculos depois da fusão dos antigos pronomes ao radical do verbo, fusão que os reduziu a simples marcas flexionais, o enfraquecimento e apagamento das sílabas átonas em final de palavra (ou seja, o desaparecimento da flexão) e a busca, pelos falantes, de uma economia de recursos e de acesso mais imediato à memória, levaram à uniformização da forma verbal e ao uso dos "acessórios" mencionados por Meillet, isto é, dos pronomes pessoais (como no inglês *I / you / he-she-it / we / they said*). Como se sabe, as variedades ditas "populares" do português brasileiro seguem a mesma direção de mudança empreendida por línguas como o francês, o inglês, as escandinavas etc.: com exceção da 1ª pessoa do singular (*eu falo*), há variedades em que todas as demais pessoas assumem uma única forma verbal precedida de seu pronome (*tu / você / ele / nós / vocês / eles fala*). São as "condições de existência da linguagem" que levam um paradigma como este a sofrer pesado estigma social no Brasil, enquanto em inglês, dinamarquês, africâner etc. se trata da única conjugação verbal prevista pela norma prescritiva dessas culturas linguísticas. Também todas as línguas chamadas "crioulas" apresentam a fórmula pronome + verbo uniforme.

Ainda

O desen
vras iso
Com ef
autono
Por exer
lavras; e
mos, nã
quiser e
tu dis, lu
tória do
velho fut
dicere ha
palavra a
tem de r

Meillet

logia de hoj
cados na gr
mântico, en
com base en
ciclo síntese
o futuro sint
línguas rom

A marca
ciclo: verbo
pronome+ve
hoje no fran
tornar, de fa
re, por exem
ideológica) e
quando se tr
sificação de

¹⁰ A forma de escr
cês escreve seus
vêm aderidos ao v
milenar tradição
imposição colonia
que impuseram s

Ainda a respeito da flexão verbal, Meillet (2020: 78) escreve:

O desenvolvimento não conduz sempre a substituir palavras flexionadas por palavras isoladas não flexionadas. O desenvolvimento inverso se faz ao mesmo tempo. Com efeito, os termos acessórios perdem cada vez mais seu sentido próprio e sua autonomia, e tendem a fazer parte integrante das palavras que eles determinam. Por exemplo, em francês, *je, tu, il* em *je dis, tu dis, il dit* não têm mais o caráter de palavras; esses assim chamados pronomes só existem junto dos verbos e, se os isolarmos, não têm nenhum sentido; nenhum francês pensa *je, tu, il* isoladamente; e se se quiser exprimir a pessoa de maneira especial, recorre-se a *moi, toi, lui*: *moi je dis, toi tu dis, lui il dit*. À medida que vai se destruindo, a flexão tende a se reconstruir. A história do futuro francês oferece um bom exemplo: as línguas românicas perderam o velho futuro *dicam, dices* etc.; foi substituído, notadamente na França, por um grupo *dicere habeo* ("tenho que dizer"), que compreende duas palavras; o representante da palavra acessória *habeo*, reduzido a *ai*, se fundiu com o verbo, de modo que o francês tem de novo uma flexão: *je dirai, tu diras*, onde ninguém reconhece o verbo *avoir*.

Meillet antecipa aqui a célebre afirmação de Givón (1971: 413): "*A morfologia de hoje é a sintaxe de ontem*", que sintetiza os diversos processos verificados na gramaticalização: erosão fonética, amalgamação, desbotamento segmental, enrijecimento sintático etc., conforme aparecem na lista que citamos com base em Bybee. O futuro românico é até hoje o exemplo por excelência do ciclo síntese > análise > síntese > análise etc., sobretudo porque, como se sabe, o futuro sintético do tipo *falarei* já foi amplamente substituído, na maioria das línguas românicas, por uma nova forma analítica do tipo *vou falar*.

A marcação número-pessoal se faz, ao longo dos séculos, por meio de um ciclo: verbo+pronome > verbo+desinência > pronome+verbo+desinência > pronome+verbo... Assim, como escreve Meillet, as formas *je, tu, il* só existem hoje no francês seguidas de um verbo, deixando de ser "pronomes" para se tornar, de fato, marcas de flexão, morfemas presos, exatamente como ocorrem, por exemplo, nas línguas bantas. Só mesmo fatores de ordem cultural (e ideológica) explicam por que *je/tu/il* até hoje são rotulados como "pronomes" quando se trata do francês, enquanto *ni-/u-/a-*, por exemplo, recebem a classificação de "prefixos" ou "partículas" quando se trata do suaíli¹⁰.

¹⁰ O hábito de escrever os verbos já explicita a diferença de tratamento metalinguístico: o falante de francês escreve seus "pronomes" separados do verbo (*il chante*), enquanto nas línguas bantas os "prefixos" são anexados ao verbo (suaíli: *anaimba*, "ele canta") — evidentemente porque o francês continua uma tradição gráfica ocidental, enquanto as línguas bantas foram submetidas à escrita latina por imposição colonial, acompanhada de uma análise gramatical exógena, praticada por estudiosos brancos que impuseram sobre a língua suas decisões metalinguísticas (e gráficas) à revelia dos falantes.

Ainda a respeito da flexão verbal, Meillet (2020: 78) escreve:

O desenvolvimento não conduz sempre a substituir palavras flexionadas por palavras isoladas não flexionadas. O desenvolvimento inverso se faz ao mesmo tempo. Com efeito, os termos acessórios perdem cada vez mais seu sentido próprio e sua autonomia, e tendem a fazer parte integrante das palavras que eles determinam. Por exemplo, em francês, *je, tu, il* em *je dis, tu dis, il dit* não têm mais o caráter de palavras; esses assim chamados pronomes só existem junto dos verbos e, se os isolarmos, não têm nenhum sentido; nenhum francês pensa *je, tu, il* isoladamente; e se se quiser exprimir a pessoa de maneira especial, recorre-se a *moi, toi, lui*: *moi je dis, toi tu dis, lui il dit*. À medida que vai se destruindo, a flexão tende a se reconstruir. A história do futuro francês oferece um bom exemplo: as línguas românicas perderam o velho futuro *dicam, dices* etc.; foi substituído, notadamente na França, por um grupo *dicere habeo* (“tenho que dizer”), que compreende duas palavras; o representante da palavra acessória *habeo*, reduzido a *ai*, se fundiu com o verbo, de modo que o francês tem de novo uma flexão: *je dirai, tu diras*, onde ninguém reconhece o verbo *avoir*.

Meillet antecipa aqui a célebre afirmação de Givón (1971: 413): “*A morfologia de hoje é a sintaxe de ontem*”, que sintetiza os diversos processos verificados na gramaticalização: erosão fonética, amalgamação, desbotamento semântico, enrijecimento sintático etc., conforme aparecem na lista que citamos com base em Bybee. O futuro românico é até hoje o exemplo por excelência do ciclo síntese > análise > síntese > análise etc., sobretudo porque, como se sabe, o futuro sintético do tipo *falarei* já foi amplamente substituído, na maioria das línguas românicas, por uma nova forma analítica do tipo *vou falar*.

A marcação número-pessoal se faz, ao longo dos séculos, por meio de um ciclo: verbo+pronome > verbo+desinência > pronome+verbo+desinência > pronome+verbo... Assim, como escreve Meillet, as formas *je, tu, il* só existem hoje no francês seguidas de um verbo, deixando de ser “pronomes” para se tornar, de fato, marcas de flexão, morfemas presos, exatamente como ocorre, por exemplo, nas línguas bantas. Só mesmo fatores de ordem cultural (e ideológica) explicam por que *je/tu/il* até hoje são rotulados como “pronomes” quando se trata do francês, enquanto *ni-/u-/a-*, por exemplo, recebem a classificação de “prefixos” ou “partículas” quando se trata do suaíli¹⁰.

¹⁰ A forma de escrever os verbos já explicita a diferença de tratamento metalinguístico: o falante de francês escreve seus “pronomes” separados do verbo (*il chante*), enquanto nas línguas bantas os “prefixos” vêm aderidos ao verbo (suaíli: *anaimba*, “ele canta”) — evidentemente porque o francês continua uma milenar tradição gráfica ocidental, enquanto as línguas bantas foram submetidas à escrita latina por imposição colonial, acompanhada de uma análise gramatical exógena, praticada por estudiosos brancos que impuseram sobre a língua suas decisões metalinguísticas (e gráficas) à revelia dos falantes.

Por fim, a perspectiva social que temos enfatizado no pensamento linguístico de Meillet aparece com nitidez nos seguintes parágrafos:

Tem-se dito frequentemente que as inovações linguísticas são criações individuais generalizadas. Os teóricos que insistem nesse fato o fazem para pôr em vimento da linguagem. E assinalam com força o grande papel da imitação na mudança linguística (Meillet, 2020: 78).

Nas partes sistemáticas da linguagem, em que a convergência se observa frequentemente, isto é, a fonética e sobretudo a gramática, a invenção individual não tem muito no que intervir, como se pode facilmente prever ao observar o fato, familiar a todo mundo, de que a gente articula os sons e usa as formas gramaticais sem ter consciência dos procedimentos empregados (Meillet, 2020: 79).

Sem dúvida, uma língua não existe fora das pessoas que a falam, e não há inovações senão as que foram feitas por indivíduos que se servem da língua. Nesse sentido, é lícito afirmar a origem individual das inovações; mas é inútil formular uma verdade tão evidente, um truísmo tão ingênuo (Meillet, 2020: 79).

O essencial são as forças que determinam as mudanças. Ora, essas forças agem sobre a coletividade das pessoas que falam uma mesma língua. E é por se encontrarem nas mesmas condições e por sofrerem as mesmas ações que os falantes admitem as mesmas inovações. Essas ações são em parte universais, em parte especiais a certas línguas. São as ações universais que produzem as convergências: elas são numerosas e poderosas. Há também ações particulares a esta ou àquela língua, e são tais ações que determinam as divergências de línguas anteriormente unas. Gerais ou especiais, essas ações só chegam a um resultado se se exercerem sobre toda a coletividade ou, pelo menos, sobre uma parte muito grande da coletividade (Meillet, 2020: 79).

Meillet parece se referir aqui criticamente à conhecida defesa feita pelos neogramáticos em geral, e especialmente por Hermann Paul (1846-1921), da tese de que o funcionamento da linguagem só pode ser explicado pela psicologia individual.

A reivindicação de Meillet a favor de uma linguística baseada nos dados obtidos sobre a mudança em línguas particulares para a formulação de princípios ou tendências universais só recentemente começou a ser atendida, graças sobretudo às investigações feitas dentro do paradigma sociofuncionalista/sociocognitivista¹¹.

¹¹ Sem dúvida, o gerativismo chomskiano faz um uso de *universal* que também denota a busca de "princípios e parâmetros" supostamente presentes em todas as línguas humanas. No entanto, como já

5. "A evolução das formas gramaticais"

Este é um texto invariavelmente mencionado nos estudos dedicados aos processos conhecidos sob o nome de *gramaticalização*. O termo *gramaticalização* é criação de Antoine Meillet, que o emprega no entanto somente duas vezes no artigo e entre aspas, como uma tentativa de designação geral do fenômeno de mudança que consiste na transformação de um item lexical autônomo em morfema gramatical preso. Conforme reconhece o autor, o interesse por esses processos já aparece na obra de estudiosos anteriores, mas foi amplamente suplantado pelas investigações em torno da *analogia*, sobretudo a partir da década de 1870, com os chamados *neogramáticos*. Ironicamente, o resgate da gramaticalização por Meillet — fenômeno essencialmente diacrônico — também será ofuscado a seguir pelo desenvolvimento exponencial do estruturalismo e sua obsessão sincrônica.

Meillet aborda uma série de propriedades que viriam a ser estudadas com profundidade pelos linguistas da vertente funcionalista, principalmente a partir da década de 1990.

Também é digna de atenção a insistência do autor em afirmar que a língua é uma forma de *ação*, o que antecipa em algumas décadas os postulados da *pragmática* linguística que se formularia na Grã-Bretanha a partir dos trabalhos de filósofos como John Austin (1911-1960); Herbert Paul Grice (1913-1988) e outros. De igual modo, como é característico da concepção de língua de Meillet, ou seja, um *fato social*, é ao *uso* da linguagem na interação que ele atribui os processos de criação de novas formas gramaticais, de desgaste da força expressiva dessas formas novas e de substituição das formas outrora inovadoras por outras ainda mais novas para compensar a expressividade perdida. Publicado em 1912, este texto formula, com mais de setenta anos de avanço, um programa de pesquisa que só viria a se desenvolver intensamente no final do século 20. A gramaticalização seria, no pensamento mais amplo de Meillet, um dos "princípios" que deveriam integrar uma teoria geral da linguagem, ou seja, uma *linguística geral*, sempre a partir dos dados particulares obtidos pela *linguística histórica*. De fato, no presente estado das teorias linguísticas neste início do século 21, a gramaticalização

sublinhei, esse *universal* é de natureza biológica, genética, e recusa, em sua formulação clássica (a do "falante ideal" de Chomsky), o histórico e o social, bem ao contrário das reivindicações de Meillet e dos sociofuncionalistas e sociocognitivistas do século 21.

aparece como um dos fatores mais determinantes na mudança das línguas, justamente ao lado da analogia.

Meillet inicia o artigo afirmando que existem dois “procedimentos pelos quais se constituem as formas gramaticais”, “a inovação analógica e a atribuição do caráter gramatical a uma palavra antes autônoma”. Ele reconhece que os estudos sobre a analogia dominaram a linguística comparada, sobretudo devido ao trabalho dos neogramáticos, e de certa forma lamenta que

o outro procedimento de inovação, a passagem de palavras autônomas ao papel de agentes gramaticais, te[nha] sido muito menos estudado nos últimos quarenta anos. Agora se recomeça a prestar atenção nele. A importância disso, com efeito, é decisiva. Enquanto a analogia pode renovar o detalhe das formas, mas deixa no mais das vezes intacto o plano de conjunto do sistema existente, a “gramaticalização” de certas palavras cria formas novas, introduz categorias que não tinham expressão linguística, transforma o conjunto do sistema. Esse tipo de inovações resulta, aliás, como as inovações analógicas, do uso que se faz da língua, é uma consequência imediata e natural do uso (Meillet, 2020: 87).

Temos aqui a primeira ocorrência do termo *gramaticalização*, destinado a se tornar o mais empregado para designar os fenômenos de transformação de um item lexical em morfema gramatical. A formulação de Meillet de que a analogia não cria formas novas, mas a gramaticalização sim, é corroborada pelos estudiosos do fenômeno na atualidade (cf. Hopper e Traugott, 1993: 59-61).

Usa-se o termo inglês *bleaching* (“desbotamento”) para designar o desgaste que as palavras sofrem em sua carga semântica devido ao uso intenso e repetitivo. Esse desbotamento faz surgir entre os falantes a necessidade de recuperar a expressividade, o que se obtém precisamente pela criação de novas formas gramaticais:

Cada vez que um elemento linguístico é empregado, seu valor expressivo diminui e sua repetição se torna mais cômoda. Uma palavra não é nem ouvida nem emitida duas vezes exatamente com a mesma intensidade de valor. É o efeito ordinário do hábito. Uma palavra nova surpreende vivamente na primeira vez em que é ouvida; tão logo é repetida, ela perde sua força, e já não valerá mais do que um elemento corrente há muito tempo. Isso vale mais ainda para um grupo de palavras: a maioria das pessoas falam e sobretudo escrevem por meio de fórmulas prontas, de “clichês”. Assim, duas palavras habituais parecem quase novas

se forem aproximadas pela primeira vez ou se, pelo menos, forem aproximadas quando normalmente não o são. [...] Se, portanto, um agrupamento de palavras se tornar habitual, se for frequentemente repetido, ele deixa de ser expressivo e é re-produzido cada vez mais automaticamente pelos falantes (Meillet, 2020: 88-89).

No percurso de gramaticalização, os termos que se aglutinam, além de sofrer o mencionado desbotamento de sentido, também sofrem erosão fonética, ou seja, perda de seu material sonoro. Um exemplo clássico em português é o do sintagma *Vossa Mercê* que, após várias etapas ao longo de séculos, se cristalizou em *você*, forma que, no Brasil, tende a se tornar um clítico-sujeito, reduzida a *cê*, e já totalmente desprovida de sua força pragmática de tratamento respeitoso. Meillet oferece interessantes exemplificações do fenômeno:

As alterações fonéticas sofridas pelas palavras acessórias são por vezes muito profundas. Se não tivéssemos a forma do gótico *himma daga* ("este dia, hoje"), poderíamos ter dificuldade em crer que um antigo *hiu tagu* ("este dia") tenha se tornado em antigo alto-alemão *hiutu* (alemão moderno *heute*, "hoje") e que *hiu dagu* ("este dia") tenha se tornado em antigo saxão *hiudu* ("hoje"); as dúvidas que poderiam subsistir são eliminadas pela passagem paralela de *hiu jâru* ("este ano") a *hiuru* (alemão moderno *heuer*) ou pela de *hînath* ("esta noite") a *hînet* em médio alto-alemão, a *heint* ("hoje") em bávaro moderno. Com exceção do acento que incide sobre o início da composição, sobre o demonstrativo que encerra o essencial da ideia, isto é, a indicação de que se trata daquilo "que é o mais próximo", todo o resto da palavra foi reduzido a quase nada e se tornou irreconhecível. As palavras acessórias passam a não se parecer mais com as palavras principais lá mesmo onde, na origem, eram idênticas (Meillet, 2020: 92).

Acrescente-se à exemplificação o caso do latim *hodie*, resultante da fusão de *hoc die* ("este dia"), origem do italiano *oggi*, francês *hui*, espanhol *hoy*, português *hoje*, num processo de formação idêntico ao das línguas germânicas citadas. Logo a seguir, o autor sintetiza algumas das consequências da gramaticalização, já mencionadas acima:

O enfraquecimento do sentido e o enfraquecimento da forma das palavras acessórias são paralelos; quando ambos estão bastante avançados, a palavra acessória pode acabar não sendo mais do que um elemento privado de sentido próprio, junto a uma palavra principal para marcar-lhe o papel gramatical. A mudança de uma palavra em elemento gramatical se concluiu.

A evolução das línguas gramaticais por degradação progressiva de palavras acessórias dá-se de forma diversa pelos procedimentos que acabamos de descrever, mas há um ponto que persiste, como se vê, num enfraquecimento da presença das negações acessórias das palavras e do valor expressivo das palavras em si mesmas. Não é que provoca seu começo é a necessidade de falar com força e vigor de ser expressivo (Meillet, 2020: 92-93).

Um exemplo clássico de enfraquecimento de sentido e de som, retomando os exemplos de adverbos de francês *hui*. Para conferir expressividade ao adverbio debilitado surgiu a forma *aujourd'hui* (literalmente, "no dia de hoje"), exatamente como de *ha die* ("este dia") se formou *hodie*. Enfraquecido novamente, *aujourd'hui* vem sendo cada vez mais reforçado pela locução *au jour d'aujourd'hui*. A mesma busca de ênfase ocorre no espanhol *hoy (en) día*, no italiano *oggi (in) giorno* e no português *hoje em dia*, em que a palavra *dia*, submersa na etimologia *ha die*, volta à tona para fins de expressividade.

Na mesma linha de argumentação, Meillet recapitula a formação das palavras que, nas diferentes línguas indo-europeias, marcam a negação:

A negação se exprime em indo-europeu comum por uma pequena palavra acessória, *ne*, que subsiste claramente, por exemplo, no *na* do sânscrito, no *ne* do eslavo e do lituano, no *n* do gótico. Mas essa palavrinha muito breve, que tendia a ser atona e que em lituano e em russo veio mesmo a se agrupar estreitamente com a palavra principal sobre a qual incide, rapidamente se tornou muito inexpressiva. Quando se tinha a necessidade de insistir na negação — e os falantes quase sempre experimentam a necessidade de insistir, pois no mais das vezes fala-se para agir sobre os outros de alguma maneira, e faz-se o que é preciso para sensibilizá-los — as palavras eram levadas a reforçar a negação *ne* com alguma outra palavra. Foi o que ocorreu em alemão, por exemplo; assim como para dizer "não" o alemão passou a dizer "não um", isto é, *nein*, o latim antigo disse *noenum*, "não um", em lugar de *ne*. Sendo uma palavra acessória, *noenum* sofreu um tratamento particular e se tornou *non*. Mas desde logo já não se encontrava mais "não um" em *non* e na época histórica o *non* latino não é mais sensivelmente expressivo do que o *na* sânscrito e o *ne* eslavo e o *n* gótico. O francês foi, por conseguinte, levado a reforçar sua negação de surgida de *non* por um tratamento particular de palavra acessória por meio de pequenas palavras como *pas*, *point*, *mie*. Sabe-se de que modo *pas* perdeu nas dialetos em que era um acessório da negação, todo o seu sentido que muito depois disso *pas* se tornou sozinho uma palavra negativa, servindo para exprimir a negação e de que modo, em seguida, o *pas* francês já não é expressivo

¹² É incontornável antes por Georg vo

por seu turno e reclama um novo reforço com palavras acessórias; foi-se levado a dizer *pas du tout*, *absolument pas*, ou a recorrer a torneios completamente novos, como a exclamação da gíria atual: *tu penses, s'il est venu!* ["imagina se ele veio!"]. maneira fortemente expressiva de dizer "ele não veio". A história da negação alemã *nicht*, que etimologicamente significa "nem uma coisa", é paralela à das negações latina e francesa. As línguas seguem assim uma espécie de desenvolvimento em espiral: acrescentam palavras acessórias para obter uma expressão intensa; essas palavras enfraquecem, se degradam e caem ao nível de simples instrumentos gramaticais; novas palavras ou palavras diferentes se acrescentam com vistas à expressão; o enfraquecimento recomeça, e assim ao infinito.

Duas observações me parecem importantes neste trecho. A primeira se refere à afirmação de que "no mais das vezes fala-se para agir sobre os outros de alguma maneira, e faz-se o que é preciso para sensibilizá-los", que antecipa em meio século, como mencionei, as investigações dos filósofos da linguagem que abrirão caminho para a constituição dos estudos em torno da *pragmática*. A outra é a ideia de "espiral" no desenvolvimento das línguas, aquilo que habitualmente é chamado de *ciclo* da gramaticalização¹². As mudanças ocorridas, por exemplo, desde o latim até as línguas românicas para a expressão do *futuro* poderiam ser representadas da seguinte forma:

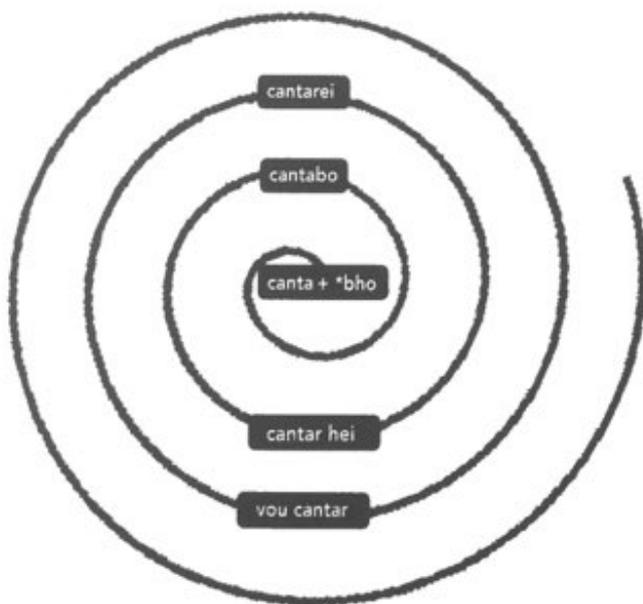


Figura 1

¹² É incontornável mencionar, porém, que a metáfora da *espiral* já tinha sido proposta pouco tempo antes por Georg von der Gabelentz (1891: 257).

A expressão do futuro tem sido um dos aspectos mais estudados pela ótica da gramaticalização. Por seu caráter mais modal do que propriamente de auxiliares que indicam

- (1) volição;
- (2) obrigação;
- (3) movimento (Bybee, 2020: 218).

O inglês apresenta essas três fórmulas:

- (1) *I will do*;
- (2) *I shall do*;
- (3) *I'm going to do*.

As línguas românicas formaram seu futuro com a fórmula de obrigação *cantare habeo*, “tenho que cantar”, surgida no chamado latim vulgar e posteriormente gramaticalizada. Nessas mesmas línguas, esse futuro de obrigação vem sendo substituído cada vez mais intensamente pelo futuro de movimento, como no português *vou cantar*. Em latim, a forma *cantabo*, “cantarei”, já resultava da fusão do radical verbal com a raiz **bheue-*, de um verbo indo-europeu que significava “fazer crescer”, cognato do inglês *to be* (e presente nas formas latinas *fui, fueram, fuissem* etc., que representam a “lei fonética”: indo-europeu **bh* > latim *f*). Meillet aborda esses processos de formação e conclui, acertadamente: “O futuro não é uma forma necessária; mas nas línguas em que existe, ele se refaz constantemente” (Meillet, 2020: 98).

Convém destacar a reflexão que o autor faz, no final do texto, acerca da *ordem das palavras* na sintaxe e de que modo ela “assumiu o caráter de um ‘morfema’”, isto é, se gramaticalizou. Com isso ele, mais uma vez, antecipou em várias décadas as investigações de diversos pesquisadores da vertente funcionalista sobre o fenômeno da mudança na ordem das palavras. Assim, Meillet escreve:

O valor expressivo da ordem das palavras que se observa em latim foi substituído [nas línguas românicas] por um valor gramatical. O fenômeno é da mesma ordem que a “gramaticalização” dessa ou daquela palavra. Em lugar de ser uma palavra empregada em grupo com outras que assume o caráter de “morfema” por efeito do hábito, é uma maneira de agrupar as palavras. Aqui novamente há verdadeira criação de instrumentos gramaticais novos e não transformação (Meillet, 2020: 99-100).

Nesta passagem gramaticalização ne

As teorizações

por que a ordem das
como alega o autor,
-objeto), um fator de
em mais de 75% da
predomínio de *sov*, r
verificada nas mais
mento de *v* no centr

flexível da oração, c
iconicidade se refere
na sintaxe a realidade
autor) reproduz a or

descrito verbalmente
As línguas românicas
dessa ordem no franc
cação das palavras n
também se distanciar
alinha principalmente
surgiram dentro dess

Como se percebe f
ginas impressas, Meil
de conceitos e noções
quadro teórico coerent
conhecimentos das lí
flexões para além dess

gramaticalização. “A e
eloquente do esforço in
linguística histórica re
truir uma *linguística g*
as línguas humanas —
firmou com o estrutur
linguagem tem de emi

Nesta passagem, vemos a segunda e última vez em que aparece o termo *gramaticalização* nesse artigo e, de novo, entre aspas.

As teorizações posteriores a Meillet sugerem algumas explicações sobre por que a ordem das palavras tende a se gramaticalizar: a perda das flexões, como alega o autor, mas também a *iconicidade* da ordem *svo* (sujeito-verbo-objeto), um fator de natureza cognitiva. As ordens *sov* e *svo* juntas ocorrem em mais de 75% das línguas do mundo (Hagège, 1982), com um ligeiro predomínio de *sov*, mas a passagem histórica de *sov* para *svo* é amplamente verificada nas mais diversas línguas, de todos os continentes. O posicionamento de *v* no centro da construção permite uma expansão maior e mais flexível da oração, com a inclusão de elementos à esquerda e à direita. A *iconicidade* se refere à propriedade que se tenta dar à língua de “retratar” na sintaxe a realidade empírica: a ordem *svo* (“Pedro fere Paulo”, exemplo do autor) reproduz a ordem dos eventos em que se realiza o estado de coisas descrito verbalmente: parte do sujeito, transita pelo verbo e atinge o objeto. As línguas românicas são predominantemente *svo* (com forte enrijecimento dessa ordem no francês), o inglês moderno abandonou a liberdade de colocação das palavras na frase que existia no anglo-saxão, as línguas bantas também se distanciaram do padrão *sov* do protobanto, o grego moderno se alinha principalmente em *svo* e, mais uma vez, as línguas ditas “crioulas” já surgiram dentro desse padrão.

Como se percebe facilmente, num artigo com pouco mais de quinze páginas impressas, Meillet conseguiu intuir com perspicácia toda uma série de conceitos e noções que viriam, quase um século depois, a se tornar um quadro teórico coerente dentro dos estudos linguísticos. Recorrendo a seus conhecimentos das línguas indo-europeias, Meillet pôde expandir suas reflexões para além dessa família e propor a universalidade dos fenômenos de gramaticalização. “A evolução das formas gramaticais” é um testemunho eloquente do esforço intelectual do autor por ultrapassar os limites de uma *linguística histórica* restrita a um grupo específico de línguas a fim de construir uma *linguística geral* com instrumentos heurísticos válidos para todas as línguas humanas — uma linguística geral que, ao contrário da que se firmou com o estruturalismo clássico e gerativista, não despreze o que a linguagem tem de eminentemente social, cultural e histórico.

6. conclusão

A história das ciências, e especialmente das ciências humanas e sociais, revela o peso que as ideologias exercem sobre narrativas que supostamente, por serem "científicas", estariam isentas desse peso. Nada menos verdadeiro. No caso das ciências da linguagem, a atribuição da paternidade da linguística moderna a Saussure pode, em alguma medida, ter como motivo, mais ou menos silenciado, o profundo sentimento antigermânico que impregnou as mentalidades na Europa ocidental entre o final do século 19 e meados do século 20, sentimento provocado pela ofensiva prussiana contra a França em 1870-1871, com a invasão de Paris e a derrota francesa, e, mais adiante, pelas duas guerras mundiais, protagonizadas pela Alemanha.

Não surpreende que o *Curso de linguística geral*, publicado inicialmente em 1916, em plena Primeira Guerra, só tenha de fato encontrado ampla acolhida nos círculos intelectuais a partir de sua 2ª edição, em 1922, já findo o conflito e, mais ainda, depois de 1945¹³. Talvez um pensador de língua francesa, cidadão da neutra Suíça, fosse o melhor antídoto contra o predomínio alemão sobre os estudos linguísticos desde o início do século 19. Até mesmo John Joseph, biógrafo de Saussure, reconhece que

a época nova [1922] era propícia para que uma nova abordagem do estudo da língua fosse assumida por linguistas dispostos a se desvencilhar da dominação cultural alemã e abraçar o modernismo que estava varrendo o mundo (Joseph, 2010: 635, grifo meu).

A principal ruptura que o *Curso* (ou, antes, o estruturalismo que se reivindica seu herdeiro) promoveu nesse desvencilhamento foi, sem dúvida, a opção pela *sincronia*, um corte epistemológico ideal para promover o afastamento da linguística com relação ao predomínio da diacronia na gramática histórico-comparatista, essencialmente uma "ciência alemã"¹⁴. Não fosse

¹³ A primeira tradução do *Curso* para o alemão é de 1931; para o espanhol, de 1945; para o inglês, de 1959; para o italiano, de 1967. A primeira língua a ter uma versão própria do *Curso* foi o japonês, em 1928. Ver as referências na bibliografia.

¹⁴ É interessante mencionar, a esse respeito, o artigo de Meillet intitulado "Ce que la linguistique doit aux savants allemands" ("O que a linguística deve aos estudiosos alemães"), incluído no segundo volume de *Linguistique historique et linguistique générale* (1936: 152-159), mas publicado originalmente em 1923 (cf. Meillet, 2020: 239s.). Ali o autor reconhece que, se existe uma gramática comparada, ela foi criação dos linguistas alemães no século 19, mas que, no início do novo século, as teorias e os métodos

talvez pelo germânico-
gem da co-
turalismo
estudos lit-
principal. I-
toine Meille-
ladores do
citados Wei-
linguística
pioneiro dos

Recente
guística ger-
com Meillet
mais atual
(como tente-
e da sociolin-
muito de seu
C. S. Peirce [
dade da *par-*
logias e pela
entre língua-
sobre o letra-
ou da "tiran-
tem demonst-
mudança ling-
da linguagem

por eles desenvol-
Meillet cita o dina-
franceses Michel
nidense William D-
linguistas que con-
vada de maneira de-
fixar de maneira de-
mães atuais já mos-
creve Rousseau (19-
que transporia para
deu azo aos piores e

talvez pelo desejo, em tudo ideológico, de se libertar do peso desse legado germânico, o "modernismo" a que se refere Joseph poderia ter ficado à margem da corrente principal da linguística dita moderna e talvez até o estruturalismo (que incidiu tão fortemente sobre a antropologia, a psicanálise, os estudos literários etc.) não tivesse se tornado, como se tornou, a corrente principal. Isso explica, quem sabe, por que o pensamento linguístico de Antoine Meillet só tenha sido resgatado no final da década de 1960, pelos formuladores do que viria a se constituir como a sociolinguística variacionista (os citados Weinreich, Labov e Herzog), enaltecido como um precursor de uma linguística social por Louis-Jean Calvet (2002 [1993]) e reconhecido como pioneiro dos estudos da gramaticalização na década de 1980.

Recentemente, empreendi uma nova tradução brasileira do *Curso de linguística geral*. Tendo trabalhado, desse modo, num breve intervalo de tempo, com Meillet e com Saussure, passei a considerar o linguista francês muito mais atual do que seu mestre suíço. As teses de Meillet continuam válidas (como tentei mostrar no caso da gramaticalização, dos universais funcionais e da sociolinguística), enquanto as ideias atribuídas a Saussure perderam muito de seu valor diante de teorias semióticas mais sofisticadas (como a de C. S. Peirce [1839-1914]), da análise do discurso (que mostra toda a complexidade da *parole* como fato tão individual quanto coletivo, mediado pelas ideologias e pelas doxas), da gramática funcional (que anula a distinção rígida entre língua/sistema e fala/uso e postula sua interdependência), dos estudos sobre o letramento (que se opõem à rejeição peremptória da língua escrita, ou da "tirania da letra", conforme se lê no *Curso*), da sociolinguística (que tem demonstrado que é impossível separar diacronia de sincronia, e que a mudança linguística pode, sim, ser observada enquanto ocorre), da filosofia da linguagem (sobretudo da pragmática, da teoria dos atos de fala e das con-

por eles desenvolvidos já davam sinais de cansaço e exigiam um novo sopro, que viria de outros países. Meillet cita o dinamarquês Vilhelm Thomsen (1842-1927), o italiano Graziadio Ascoli (1829-1907), os franceses Michel Bréal e Maurice Grammont (1866-1946), o suíço Ferdinand de Saussure, o estadunidense William Dwight Whitney e o russo-polonês Jan Baudouin de Courtenay (1845-1929) como os linguistas que contribuíram para essa renovação. Segundo ele: "Não convém que uma ciência seja cultivada de maneira demasiado dominante ou demasiado exclusiva por um único povo; ela se arriscaria a se fixar de maneira..."

talvez pelo desejo, em tudo ideológico, de se libertar do peso desse legado germânico, o "modernismo" a que se refere Joseph poderia ter ficado à margem da corrente principal da linguística dita moderna e talvez até o estruturalismo (que incidiu tão fortemente sobre a antropologia, a psicanálise, os estudos literários etc.) não tivesse se tornado, como se tornou, a corrente principal. Isso explica, quem sabe, por que o pensamento linguístico de Antoine Meillet só tenha sido resgatado no final da década de 1960, pelos formuladores do que viria a se constituir como a sociolinguística variacionista (os citados Weinreich, Labov e Herzog), enaltecido como um precursor de uma linguística social por Louis-Jean Calvet (2002 [1993]) e reconhecido como pioneiro dos estudos da gramaticalização na década de 1980.

Recentemente, empreendi uma nova tradução brasileira do *Curso de linguística geral*. Tendo trabalhado, desse modo, num breve intervalo de tempo, com Meillet e com Saussure, passei a considerar o linguista francês muito mais atual do que seu mestre suíço. As teses de Meillet continuam válidas (como tentei mostrar no caso da gramaticalização, dos universais funcionais e da sociolinguística), enquanto as ideias atribuídas a Saussure perderam muito de seu valor diante de teorias semióticas mais sofisticadas (como a de C. S. Peirce [1839-1914]), da análise do discurso (que mostra toda a complexidade da *parole* como fato tão individual quanto coletivo, mediado pelas ideologias e pelas doxas), da gramática funcional (que anula a distinção rígida entre língua/sistema e fala/uso e postula sua interdependência), dos estudos sobre o letramento (que se opõem à rejeição peremptória da língua escrita, ou da "tirania da letra", conforme se lê no *Curso*), da sociolinguística (que tem demonstrado que é impossível separar diacronia de sincronia, e que a mudança linguística pode, sim, ser observada enquanto ocorre), da filosofia da linguagem (sobretudo da pragmática, da teoria dos atos de fala e das con-

por eles desenvolvidos já davam sinais de cansaço e exigiam um novo sopro, que viria de outros países. Meillet cita o dinamarquês Vilhelm Thomsen (1842-1927), o italiano Graziadio Ascoli (1829-1907), os franceses Michel Bréal e Maurice Grammont (1866-1946), o suíço Ferdinand de Saussure, o estadunidense William Dwight Whitney e o russo-polonês Jan Baudoin de Courtenay (1845-1929) como os linguistas que contribuíram para essa renovação. Segundo ele: "Não convém que uma ciência seja cultivada de maneira demasiado dominante ou demasiado exclusiva por um único povo; ela se arriscaria a se fixar de maneira demasiado rígida e de renovar muito pouco suas ideias. Os trabalhos dos linguistas alemães atuais já mostram a feliz influência do estrangeiro" (Meillet, 2020: 245-246). No entanto, como escreve Rousseau (1988: 322), "é impossível apanhar, sob sua pena [de Meillet], um sentimento antialeão que desproporcionaria para o plano da discussão científica um patriotismo extraviado", e que "num tempo que deu azo aos piores excessos, só se pode saudar a perfeita retidão intelectual testemunhada por Meillet".

tribuições de Bakhtin). Mencione-se também um impregnado platonismo, exposto nas famosas dicotomias, mas principalmente na que distingue *langue de parole*, com a *langue* (uma típica Forma ideal platônica, ou uma “abstração necessariamente inexplicável”, como escreveu Meillet) eleita como o objeto próprio da linguística que o *Curso* quer promover¹⁵. Em suma, ideias que não resistem às críticas que têm assinalado os impasses epistemológicos do estruturalismo como escola de filosofia da ciência. O valor de Saussure seria basicamente de natureza historiográfica¹⁶.

Na dúvida de estar cometendo algum tipo de heresia, comuniquei esses meus sentimentos ao nosso homenageado, que não tardou em me responder. Mas o contexto de intimidade em que recebi essa resposta me impede de revelar aqui seu conteúdo. Foi mais um presente que ganhei dele e que vou guardar com todo o reconhecimento devido.

No *post-scriptum* de uma carta datada de 1894, usado aqui como epígrafe, Saussure pediu a Meillet que o tratasse como amigo e não como mestre. Eu, que devo muito mais a Carlos Alberto Faraco do que, sem dúvida, Meillet a Saussure, me esforço por ser digno da amizade deste mestre que tem tornado para mim menos difícil dar algum sentido ao que sou e ao que faço.

¹⁵ Para não mencionar o fato de que essa *língua/sistema/estrutura* acaba por se assemelhar (quando não por se identificar totalmente) à norma culta do francês da virada do século 19 para o 20, uma vez que, como enfatiza Milroy (2011), a ideologia do padrão está sempre à espreita em qualquer empreendimento linguístico “científico”, especialmente quando o teórico se deixa levar pela ilusão de estar livre dela. A *langue*, desbastada de tudo o que é variável e mutante, é quase sempre a norma literária da elite intelectual a que pertence o linguista. Como lembra ainda Milroy, muitíssimas vezes o rótulo de “agramaticalidade”, nos estudos gerativistas, é atribuído a uma construção sintática simplesmente por não fazer parte da variedade urbana culta do investigador.

¹⁶ Nunca é demais recordar que a subdivisão do *signo* em *significado* e *significante* não foi uma novidade introduzida por Saussure, como muitos manuais apressadamente podem levar a crer. Já em Aristóteles e entre os estoicos se encontrava análise semelhante, que também foi empreendida a seu modo por santo Agostinho no *De magistro*. De igual modo, a arbitrariedade do *signo* é debate remotíssimo, que vem desde os gregos e foi alvo de grandes discussões nos embates entre empiristas e racionalistas dos séculos 17-18.

ABOH, E. 2015. University of
ABOH, E.; DE G...
of Universal
ADAMS, J. M. 20...
184-205.
_____. 2003b. *Bil...*
ALMEIDA, N. M.
ALONSO MONTE
ALONSO PINTOS
_____. 2002. *Para*
Nacional de E
_____. 2006. *O pr...*
la Maza.
ALTMAN, C. 2004
_____. 2004b. A qu
de Historiogra
_____. 2006. *Docu...*
XVI-XIX). São
_____. 2007. Artig
SCHRADER-K
en homenaje a
_____. 2008. Retro
apresentada d
de São Paulo, 3
_____. 2009a. *Relat...*
_____. 2009b. Ret
Historiografia
_____. 2011. Metal
sobre Linguísti
_____. 2012a. Histó
p. 14-37.
_____. 2012b. As par
Portugueses y e
_____. 2012c. A her
C. A.; ROSA, M.
p. 179-215.
_____. 2014. *Léxico*
Grammaticae et
_____. *Grammatica*
Centuries). Ms.